

Imigração, cultura e representação: intelectuais portugueses em São Paulo e o jornal *Portugal Livre*

Immigration, culture and representation: Portuguese intellectuals in São Paulo and the *Portugal Livre* newspaper

Yvone Dias Avelino¹

Resumo: O presente artigo trata da imigração de intelectuais portugueses para a cidade de São Paulo na década de 1950. Esses intelectuais militavam em uma política de oposição ao Salazarismo em Portugal. Todos eles saíram de Portugal para que o Regime não os prendesse.

Já adaptados numa São Paulo hospitaleira, ganharam força de expressão através de produções acadêmicas, aulas, livros, artigos, revistas e a criação de dois jornais: *Portugal Democrático* e, posteriormente, *Portugal Livre*, sendo esse último resultante de uma dissidência do primeiro. Trata também este artigo das mudanças ideológicas de Humberto Delgado após sua chegada ao Brasil e como integrante dos dois jornais acima citados.

Fazem parte deste artigo alguns dos mais influentes intelectuais que compuseram essa vasta produção, cujo objetivo era criticar o governo autoritário de Salazar.

Palavras-chave: imigração; intelectuais; imprensa; autoritarismo, ideologia

Abstract: This article deals with the immigration of Portuguese intellectuals to the city of São Paulo in the 50's. These intellectuals were active in an opposition policy to Salazar in Portugal. They all left Portugal, because they didn't want to be arrested by the regime.

Already adapted in São Paulo, they gained strength expression through academic productions, classes, books, articles, magazines and the foundation of two newspapers: *Portugal Democrático* and *Portugal Livre*, the latter being the result of a split of the first. This article also deals with the ideological changes of Humberto Delgado after his arrival in Brazil and as a member of the two newspapers mentioned above.

Take part in this article some of the most influential intellectuals who composed this vast production, whose aim was to criticize the authoritarian government of Salazar.

Keywords: immigration, intellectuals; press; authoritarianism; ideology

A vasta produção em torno da imigração portuguesa para o Brasil tem sido objeto de avaliações, grandes e pontuais sugestões, reflexões, pesquisas e críticas que vêm enriquecendo a historiografia contemporânea sobre a temática. Apresenta essa riquíssima produção abordagens as mais diversas e analisa aspectos múltiplos.

O presente artigo pretende desenvolver a partir dos processos imigratórios da comunidade portuguesa para São Paulo, especificamente o fluxo que ocorreu na década de 1950. As pessoas que para cá se dirigiram tinham um perfil que os diferenciava daqueles que vieram em anos anteriores com o objetivo de “fazer a América”, ou seja, o de enriquecerem e retornarem ao país de origem.

Os personagens deste artigo não vieram com a intenção de atenderem ao chamado oficial das autoridades brasileiras para integrar a economia cafeeira ou para participar da indústria, em seu nascedouro².

Há quase duzentos anos, o Brasil era um país predominantemente agrário, embora algumas cidades existissem e em algumas delas o processo de industrialização já estivesse em desenvolvimento. A paisagem rural dominou preponderantemente até meados de 1870. A riqueza brasileira provinha, até então, da exportação de produtos agrícolas.

Nas primeiras década do século XX, ocorreram grandes transformações econômicas e sociais, que propiciaram as condições necessárias para o salto econômico e qualitativo fornecendo as condições necessárias para a industrialização e consequente desenvolvimento urbano acelerado³.

A grande riqueza nacional, que havia sido o café, cedeu lugar às negras chaminés de fábricas e conjuntos industriais, que aos poucos, modificaram a feição pacata das cidades, sobretudo da de São Paulo que, em um curto tempo, transformou-se em uma importante metrópole industrial⁴.

Porém, o nosso foco irradiador mostra neste artigo um novo perfil não apenas dessa metrópole, mas do imigrante que aqui chega com novos objetivos e que com aspectos culturais bem definidos.

Assim sendo, o presente artigo elege alguns intelectuais portugueses que imigraram para o Brasil e fixaram-se na cidade de São Paulo, especificamente na década de 1950, e estiveram na militância política de oposição ao Salazarismo. Tinham como objetivo denunciar as irregularidades e ilegalidades deste regime, além de manter a sociedade brasileira de uma forma geral atualizada sobre os fatos da época. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo de intelectuais exilados foi manter a unidade ideológica de suas ações, o que talvez não tenha sido possível, mas que, ao menos, conciliou suas divergências em prol de um ideal maior, que impulsionou professores, literatos, jornalistas, engenheiros, médicos, entre outros, a escrever em forma de denúncia sobre as atrocidades do totalitarismo e a lutar por uma nação portuguesa verdadeiramente livre.

Segundo os estudos sobre imigrações, foi nessa década que houve o maior fluxo de imigrantes intelectuais portugueses para o Brasil, fixando-se na cidade de São Paulo, onde por meio de manifestações jornalísticas, buscaram, sem dúvida, a liberdade de expressão. Uma das expressões significativas do protesto desses imigrantes no universo urbano paulista foi o jornal *Portugal Democrático*⁵.

2 LOREIRO, 2006: 32.

3 DECCA, 1991.

4 “A Indústria Paulista”, 1930: 2.

5 O jornal *Portugal Democrático* foi fundado por um núcleo de portugueses emigrados e de oposição ao salazarismo, residentes na cidade de S. Paulo, sendo publicado pela primeira vez em 7 de julho de 1956, com a sua última edição, a de n.º 203, em 4 de março de 1975.

Deste grupo, a partir de uma dissidência política, criou-se o jornal *Portugal Livre*⁶, fonte do nosso texto. Traremos à tona o processo de criação deste periódico e a ação de seus fundadores, que passaram a divergir de seus correligionários, quando ainda pertenciam todos ao mesmo jornal, o *Portugal Democrático*.

Este trabalho não pretende analisar os anos do governo ditatorial de António Oliveira Salazar. Muitos pesquisadores já contribuíram com suas produções sobre o referido ditador e suas práticas e justificativas políticas. Pretendemos destacar apenas alguns personagens que foram perseguidos e que imigraram, intelectuais que durante suas vidas produziram um conteúdo político, cultural, ideológico e social, desenvolvendo ações contra o autoritarismo em Portugal.

Encontramos variadas fontes sobre esses intelectuais. Muitos pesquisadores já trabalharam com suas obras e uma grandiosa produção desses personagens pode ser perquirida, pois foram todos muito atuantes em suas existências⁷. Procuramos então trazer um diferencial, algo que os unisse na produção intelectual e na militância, dados que foram encontrados com enorme visibilidade no jornal *Portugal Democrático*. Existem importantes e excelentes produções sobre o referido jornal, como dissertações, teses, artigos, livros, resenhas, comunicações etc. Sabemos que um mesmo assunto pode ser abordado de formas diferentes por cada pesquisador. Na busca pela diversidade constante de cruzamentos de ideias, conforme os preceitos e rigores do mundo acadêmico, entendemos que é pertinente como contribuição o estudo sobre o jornal *Portugal Livre*.

Já na cidade de São Paulo, com suas vidas modificadas e o desejo de resistir e também de se manifestar contra tal ditadura, estes intelectuais ganharam cada vez mais força de expressão através de produções acadêmicas, livros, aulas, artigos, charges em revistas e jornais específicos. O jornal de maior circulação e visibilidade foi o já citado *Portugal Democrático*. Ofereceu excelentes contribuições e contou com a participação de pessoas importantes e experientes dentro do movimento contra o autoritarismo português. Apresentava uma linha ideológica comunista, diferentemente do que seria feito posteriormente no *Portugal Livre*, que trouxe uma linha editorial de combate ao comunismo, influenciada por Humberto Delgado⁸, militar exilado no Brasil.

A unidade sempre foi um tema corrente entre os artigos e crônicas nas páginas do *Portugal Democrático*. Contudo, foi aos poucos sendo liderado quase que exclusivamente pelo citado núcleo comunista, o que acabou por desagradar alguns integrantes. Assim, a solução encontrada pela redação batia de frente com as novas questões e efervescências recém-trazidas de Portugal por Delgado, e foi questão de meses para tais divergências se tornarem incontornáveis.

Conforme Franco Santos Alves da Silva, em sua dissertação intitulada *O Jornal Portugal Livre: Buscando Uma Identidade da Oposição ao Salazarismo no Exílio Brasileiro (1958-1961)*, quando Delgado morou por cinco anos nos Estados Unidos da América, como adido militar da Embaixada Portuguesa e membro militar da NATO, (OTAN, sigla em inglês), tomou conhecimento da democracia americana e a sua visão a propósito do salazarismo começou a mudar, até ser convidado pela oposição para ser candidato à presidência da República. A partir da década de 1940, estabeleceu uma série de contatos com instituições democráticas, por intermédio de negociações com os ingleses. Foi ainda representante português na Organização Internacional da Aeronáutica Civil (1947-1950), em Montreal, e depois de 1952 a 1957, chefe da Missão Portuguesa na NATO. Essa “descoberta” por si

6 O jornal *Portugal Livre* foi fundado em novembro de 1959 e durou apenas até março de 1961.

7 São os casos, dentre outros, do poeta crítico e novelista António Vitor Casais Monteiro, que veio a ser professor na UFBA e na UNESP de Araraquara, do jornalista e poeta Carlos Maria Araújo, que colaborou no jornal *O Estado de S. Paulo*, de Fernando Lemos, pintor, poeta e fotógrafo, que, em 1957, ganhou o Prêmio Brasileiro da Bienal de São Paulo, do historiador Joaquim Barradas de Carvalho, professor titular da USP.

8 O general Humberto Delgado era um homem do regime anticomunista, apoiou tanto o golpe militar quanto a instauração do Estado Novo. Foi condecorado e representava Portugal em diversas questões internacionais.

só não despertou repentinamente o seu interesse pela democracia, mas sim se misturou a um espírito inquieto e predisposto a aceitar as transformações. Teve sua formação ideológica forjada dentro dos quadros militares do Estado Novo, como todos de sua geração. Seu rompimento com o regime e sua “tomada de consciência” sobre o funcionamento da democracia, sobretudo a americana, não resultaram em uma visão progressista do mundo. Assim, seu comportamento em relação com os demais eram sempre pautados por uma concepção autoritária do trabalho político⁹.

O jornal *Portugal Democrático*, juntamente com a imprensa brasileira, foi responsável pela divulgação de toda a trajetória de Delgado, desde seu rompimento com o Estado Salazarista, que agravou-se em 1958, quando foi candidato às eleições e foi vencido por fraudes eleitorais que deram a vitória a Américo de Deus Rodrigues Tomás, que exerceu o cargo de presidente da República, entre os anos de 1958 a 1974. Comentava cada passo do longo calvário de Delgado até o exílio e, dessa forma, ajudou a consolidar sua imagem de líder. Não há dúvida que o “Caso Delgado” criou um grande entusiasmo e expectativa entre os intelectuais exilados brasileiros.

Miguel Urbano Rodrigues, jornalista, imigrante exilado, principal fundador e um dos mais expressivos redatores do *Portugal Livre*, afirmou certa vez não ser fácil analisar e julgar a personalidade de Humberto Delgado. Não nos cabe aqui trazer todas as ponderações do jornalista. O que consideramos interessante como análise deste pequeno artigo é entender a ambiguidade de comportamento de Delgado perante uma organização coletiva na luta contra o salazarismo. Segundo Rodrigues, o general apresentava “ambição com facetas infantis, era vaidoso, exibicionista, autoritário, conflituoso e não tinha o menor senso do ridículo”. Mesmo assim, integrou os dois jornais, tanto o *Portugal Democrático*, quanto o *Portugal Livre*.

Como dissemos, foi na cidade de São Paulo, em especial na década de 1950, que estava concentrada a efervescência oposicionista a Salazar e que, ao mesmo tempo, divergia entre si. Humberto Delgado logo percebeu esta situação. O jornal *Portugal Democrático* publicou em seu editorial de julho de 1959 um apelo à unidade e organização em torno de Humberto Delgado, ao afirmar que “desde sempre, este jornal se valeu pela unidade que deve, necessariamente, presidir a ação dos oposicionistas de todos os matizes ideológicos na sua luta comum na libertação de Portugal”. Indicar e insistir na referida questão, justo após a chegada de alguém que deveria representá-la, sugere o quão frágil e possivelmente inexistente ela pode ser. A relação entre os comunistas e Miguel Urbano Rodrigues havia ficado abalada em virtude dessa insistência de temas e divergências de visão quanto à ação política.

Nessa trama de insatisfações e desentendimentos entre os opositores, Miguel Urbano Rodrigues procurou o colega jornalista Victor da Cunha Rego para esboçar sua ideia sobre o lançamento de um novo jornal. Fizeram contato com Henrique Galvão, militar, escritor e político; Tomaz Ribeiro Colaço, advogado, poeta e dramaturgo; Pedroso Lima diplomata; Santana Mota jornalista e Francisco Vidal engenheiro. O jornal *Portugal Livre* nasceu, assim, da necessidade de solucionar a forma de agir da oposição a partir do exílio, impulsionada pela chegada de Humberto Delgado no Brasil, que uniu forças e vontades já manifestas no meio da oposição. Inclusive o nome do jornal remete à campanha de Delgado e aos inúmeros cartazes colados nas ruas de São Paulo para recepcionar o general, com a sua foto emoldurada pelas cores vermelho e verde e a frase *Portugal Livre* na parte superior.

O jornal *Portugal Livre* nasceu no meio de um ideal em torno dos oposicionistas, fossem eles de direita ou de esquerda, democratas ou monarquistas, contra as atrocidades do governo ditatorial Salazarista. Mas era importante discutir a respeito da situação de Portugal pós Salazar. Como ficaria o país, qual seria a melhor

forma de organizá-lo do ponto de vista político e econômico? Os militantes exilados em várias partes do mundo tiveram que se preocupar com essas questões, entre outras. O *Portugal Livre* foi declarado como órgão oficial do Movimento Nacional Independente, o MNI, fato que estava explícito nas suas primeiras edições, principalmente na primeira: “*Portugal Livre* não é apenas um jornal de oposição – é o órgão da Democracia Portuguesa, o porta-voz do MNI, cada um dos seus leitores que o faça chegar a Portugal e prestará à causa da Liberdade um grande serviço”. Era perceptível reconhecer “a voz” de Delgado nas mensagens das primeiras edições e, de fato, o jornal tinha um caráter exclusivista e centralizador.

Os redatores principais do jornal *Portugal Livre* foram Miguel Urbano Rodrigues, Victor da Cunha Rego e João Santana Mota que anteriormente trabalharam em Portugal no jornal *Diário Ilustrado*, e no Brasil, no jornal *O Estado de São Paulo*. Tiveram como colegas jornalistas e escritores brasileiros, como Paulo Duarte, arqueólogo, escritor e professor da Universidade de São Paulo, simpatizante das ideias de Delgado. Publicavam com facilidade também artigos assinados por Adolfo Casais Monteiro, professor, poeta, escritor e crítico literário. Outro brasileiro envolvido foi Claudio Abramo, neto de anarquistas italianos, que cresceu sob influência de líderes socialistas brasileiros, como Paulo Emílio Salles Gomes, Lívio Xavier, Mário Pedrosa e Hermínio Sacchetta, entre outros. Abramo iniciou seus trabalhos no jornal *O Estado de São Paulo* e foi convidado por simpatizantes das lutas anti-salazaristas, através de um movimento organizado por Paulo Duarte nos anos 50, a fazer a reforma gráfica e editorial dos jornais, para que tivessem um aspecto mais moderno em suas formas de edição.

Em 1956, Claudio Abramo ofereceu-se como responsável na fundação do jornal *Portugal Democrático*, pois a legislação no Brasil exigia que o editor de qualquer jornal publicado no país fosse brasileiro. Contudo, não chegou a trabalhar, na prática, nesse jornal, mas somente no *O Estado de São Paulo*, até 1964. Assumiu posteriormente o cargo de diretor do jornal *Portugal Livre*, quando de sua criação. Sua participação foi exclusivamente para dar apoio para o funcionamento, emprestando seu nome para obter o aval do Estado. Raramente aparecia nas reuniões, mas foi um importante mediador de informações com os demais integrantes na redação do *O Estado de São Paulo*.

Outro colaborador brasileiro foi o jovem estudante de direito Celso Ribeiro Bastos, filho de portugueses residentes no Brasil. Seu pai chamava-se Joaquim Ribeiro Bastos, um comendador português que acreditava na derrota de Salazar e financiava projetos oposicionistas, tal como o fez com o *Portugal Livre*. Celso foi atuante no jornal, escrevendo artigos ou auxiliando em funções administrativas, além de fazer a ponte entre a juventude universitária brasileira com a luta anti-salazarista, através do movimento estudantil para a referida causa. Foi o porta-voz da mocidade que simpatizava com a luta dos portugueses.

Yvonne Felman, uma jornalista de São Paulo e ex-redatora dos jornais *Diário de São Paulo* e *Última Hora* foi uma das poucas mulheres que trabalhou no *Portugal Livre*. Escritora politizada, agiu em defesa da democracia, escrevendo um dossiê intitulado *Diálogo com a Mulher Portuguesa*, no qual buscou encorajar as mulheres na luta contra o salazarismo, evocando a importância feminina na História de Portugal¹⁰.

O jornal passava por uma verdadeira maratona para chegar às ruas, mensalmente. Seus integrantes e colaboradores faziam uma ou duas reuniões mensais para tratar dos temas, selecionar textos, dividir funções e solucionar problemas referentes à parte burocrática. Faziam jornadas duplas para mantê-lo e, portanto, a boa vontade e o voluntariado eram indispensáveis para seu pleno funcionamento. Victor da Cunha Rego e Miguel Urbano Rodrigues desdobravam-se em muitas tarefas para além das de redação, como escrita e diagramação.

¹⁰ Há 83 pessoas catalogadas, sendo três do sexo feminino. São as mais notáveis Yvonne Felman e Maria Acher.

Acompanhavam a montagem tipográfica e iam aos correios, pois era por cartas que a relação com diversos colaboradores era mantida, nomeadamente a distribuição internacional, e ainda distribuíam o jornal, com a ajuda do jovem Celso Ribeiro Basto.

A presença de um número maior de jornalistas profissionais na redação do *Portugal Livre* fez com que este apresentasse um projeto gráfico ligeiramente melhor que o *Portugal Democrático*. Apresentava um formato padrão para a época: continha, em média, oito páginas, sendo cada uma delas dividida em cinco colunas contendo os textos que, por sua vez, eram ligeiramente mais extensos que os encontrados em jornais diários, isso por se tratar de um jornal de frequência mensal, cujos escritores possuíam um tempo maior para preparar artigos mais longos. Aqui e acolá apareciam algumas imagens de personalidades da oposição, de elementos do regime ou das colônias africanas, em uma média de quatro fotografias por edição. O *Portugal Livre* não fazia cobertura fotográfica completa, tal como seu “rival”, que disponibilizava mais de uma folha para ilustrar um evento, como a cobertura da chegada de Humberto Delgado. As poucas fotografias eram cedidas por colaboradores, com acervos pessoais, ou por colegas de outros jornais, como *O Estado de São Paulo*.

O capital inicial para editar e colocar o jornal em circulação era escasso e, assim sendo, cada ajuda era bem-vinda. Além da contribuição dos envolvidos pelos serviços prestados, cada integrante se comprometia a ajudar com uma quantia mensal, que não era fixa. Outra forma de contribuição vinha de seu financiador, Joaquim Ribeiro Bastos, como acima foi esclarecido, pai de Celso Ribeiro Bastos. Em um segundo momento, três novas fontes de renda ajudaram a manter o *Portugal Livre*, como as assinaturas, cheques e contribuições do estrangeiro. Uma pequena parte dos fundos para a manutenção e edição do jornal era proveniente de anúncios feitos em suas páginas, uma vez que estes eram raros, tendo havido somente duas propagandas em todas as edições. Ambas eram bem ilustradas e informativas. A primeira era uma chamada publicitária de folha inteira da Navegação Aérea Brasileira S A (NAB), que apresentava tarifas baixas com voos a partir de São Paulo para todo o Brasil. O outro era da empresa Ypiranga Auto-Locadora, com filiais em São Paulo e Rio de Janeiro, cujo slogan era: “Alugue e dirija você mesmo!”.

O *Portugal Livre* começou com uma tiragem limitada e para um público bem específico, e isso dificultava a venda de suas páginas para anúncios comerciais. Nos primeiros seis meses, o jornal tinha uma circulação com tiragem de três mil exemplares, que nem sempre eram esgotados. Havia representantes do jornal situados em outras cidades brasileiras, como no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, e suas funções eram tratar de assuntos administrativos, pagamentos e assinaturas, como também a venda avulsa de alguma edição. A partir de abril de 1960, o jornal passou a ser vendido em Paris, em um quiosque na região central da cidade.

O *Portugal Livre* teve apenas dezasseis edições, que circularam entre novembro de 1959 a março de 1961, um curto período. A duração do jornal coincide com uma série de eventos turbulentos para o Estado Novo. Assim, pode-se afirmar que o jornal foi fundado em meio à emolgação da campanha de 1958, junto com o exílio de Humberto Delgado, e encerrado durante a emolgação das operações do Directório Revolucionário Ibérico de Libertação (DRIL). Várias foram as questões que levaram ao fim o periódico, até mesmo porque o jornal engajou-se desde sua criação com assuntos de difíceis soluções, como o posicionamento perante a questão colonial na África e, o mais complicado, as diferentes posições políticas dos militantes envolvidos. O fim do jornal ocorreu em meio à ação armada por Henrique Galvão, amigo e aliado de Humberto Delgado, ao paquete Santa Maria, em 1961, que pertencia à Companhia Colonial de Navegação, uma das joias da marinha mercante portuguesa. Este ato militar, envolvido com as questões do colonialismo opressivo na África despertou a atenção do mundo e envolveu o governo brasileiro de Jânio Quadros.

Após o encerramento das atividades do *Portugal Livre*, quase todos os colaboradores voltaram a fazer parte do *Portugal Democrático* e continuaram integrando as redações de jornais brasileiros. Humberto Delgado, convencido de que o regime salazarista não poderia ser derrubado por meios pacíficos, volta para Portugal em 1962, promovendo a realização de um golpe de Estado militar, e que visava tomar o quartel de Beja, além de outras posições estratégicas em Portugal. O golpe, porém, fracassou. Pensando vir reunir-se com opositores ao regime do Estado Novo, Delgado dirigiu-se à fronteira espanhola em Los Almerines, perto de Olivença, em 13 de fevereiro de 1965. Ao seu encontro vai um grupo de agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), liderado por Rosa Casaco. O agente Casimiro Monteiro assassinou-o, bem como a sua secretária, a brasileira Arajaryr Campos. Os corpos foram ocultados perto de Villanueva del Fresno, cerca de 30 km ao sul do local do crime.

A postura excludente e a forte personalidade de Delgado uniam alguns, mas desuniam muitos outros, principalmente aqueles que eram simpatizantes das ideologias de esquerda. Assim, as reflexões acerca da vida do periódico são bastante pertinentes para compreender o que levou o fim do *Portugal Livre*. É paradoxal um jornal que intencionava representar a todos os portugueses, sustentar os ideais anticomunistas em seus editoriais. Durante a breve existência deste jornal, sua conduta era ser em favor da unidade. Mas na verdade, não mantinha essa união entre seus integrantes.

Fontes e Bibliografia

“A Indústria Paulista”. *Correio Paulistano*. São Paulo, 9.5.1930.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de, 1991 – *Indústria, trabalho e cotidiano no Brasil (1889-1930)*. São Paulo: Atual.

LOREIRO, Felipe Pereira, 2006 – *Nos fios de uma trama esquecida: A indústria têxtil paulista nas décadas pós-depressão (1929-1930)*. São Paulo (Dissertação de Mestrado em História Econômica apresentado à USP).

SILVA, Franco Santos Alves da, 2012 – *O Jornal Portugal Livre: buscando uma identidade da oposição ao salazarismo no exílio brasileiro (1958-1961)*. Porto (Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade do Porto).